

Um texto é um corpo e, sendo corpo, pulsa uma infinidade de outros



Bruni Emanuele

maripousar@gmail.com

Bruni Emanuele (1996-) é escritora, editora, artista transdisciplinar. Além disso, atua como curadora textual e se interessa por curadoria em artes múltiplas. Bacharel em Estudos de Edição pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG), atualmente cursa mestrado em Artes na Escola de Belas Artes da mesma instituição (EBA-UFMG). Artista-pesquisadora, explora atualmente em suas produções, visual e literária, poética e de pesquisa, múltiplos encontros entre escrita, artes visuais, livros-objeto e livros-devir - sempre sob viéses decoloniais. Investiga e fabula formas de caber no mundo, guarda-chuva sob o qual aborda corporeidades, memória pessoal e coletiva, territorialidades, narrativas contra-hegemônicas, afetividades e diáspora afro-brasileira. A presente pesquisa desenvolve-se em paralelo/compõe sua pesquisa de mestrado em curso, provisoriamente intitulada “Casulo-segredo: investigar a face, incorporar espirais, reativar feitiços” (2020-atual).

Um texto é um corpo e, sendo corpo, pulsa uma infinidade de outros



Quando a escrita me interpela, me toma de assalto uma sensação que é uma mistura de medo, ansiedade e um desejo tão urgente quanto primitivo. Primitivo, sim, pois ele me surge das entranhas, abre um redemoinho na boca do estômago que me consome inteira, me desnorteia ao me abrir toda uma rosa dos ventos de possibilidades cardeais, e eu só encontro sossego quando enfim me sento, pronta e disposta ao ato de escrever. Não raramente, o tema da escrita, do lugar que ela ocupa nos fazeres e construções poéticas de mulheres artistas emerge como central para discussões várias. Uma destas é a acerca dos modos como, paradoxalmente, a escrita grita a tantas de nós com voz urgente, ofegante, sedenta, sendo para muitas de nossas práticas um método de elaboração, reflexão e mesmo de criação, um fio condutor de toda a eletricidade que a escrita de si de uma mulher artista é capaz de congrega e propaga - e, no entanto, por exigir o ócio, a contemplação, a autorreflexão, comumente nos é, na prática, um espaço negado.

Algumas de minhas leituras-guia favoritas sobre o ato antropofágico que é a escrita, sobretudo a de mulheres artistas, são “Falando em línguas: uma carta

às mulheres escritoras do terceiro mundo”, de Gloria Anzaldúa, “Artistas mulheres: processos criativos”, de bell hooks, “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita”, de Conceição Evaristo, “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” e “Usos do erótico como poder”, ambos de Audre Lorde - entre outras tantas. Mas, sim, são principalmente estas as leituras, que refaço incansavelmente desde antes de iniciar o caminho de pesquisa que dá origem a este corpo que vocês ora percorrem, que compõem a constelação principal pela qual me guio pelas veredas desse fazer. Lendo os modos pelos quais a escrita se insere, demanda, permanece e conduz essas mulheres que leio - a maioria delas negras, chicanas, lésbicas - eu entendo melhor como esse bichinho chamado escrita morde também a mim, na jugular. Sangro feliz, aos jorros.

Há um trecho do primeiro texto que citei acima, o da Anzaldúa, que muito bem resume essa relação paradoxal que nós, mulheres negras, chicanas, lésbicas, gênero/sexualidade dissidentes - isto é, nós pessoas fora do que Audre Lorde chamou *norma mítica*, branca, heterocispatriarcal, masculina - estabelecemos com a escrita. A artesanaria das palavras, dos textos, da linguagem, por ser algo que nos permite comunicar, reverberar, *ter voz* e disputar narrativas, nunca deixa de ser uma prática que amamos, sim, mas que nos amedronta, fazendo com

que os nós impostos e postos em nossas gargantas sejam visceralmente desfeitos. Sobre esse medo-paixão-ar - não necessariamente nesta ordem -, Anzaldúa nos provoca:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. *No escrever coloco ordem no mundo*, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.¹

¹ Gloria Anzaldúa, “Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo”, p. 232, grifos meus.

A escrita, seja ela de qual gênero for, é sempre uma travessia, uma aventura, uma viagem, uma solitária - e, ao mesmo tempo, constelada, rizomática - caminhada sobre uma trilha que ao mesmo tempo que nos precede

por meio dos rastros, vislumbres das pegadas da matéria de que resultamos, vai se fazendo no trajeto, conforme nossos pés avançam *em direção a*, afetando e se permitindo ser afetado. Os movimentos e as moções, os estalos que nos movem ao ato da elaboração e da expressão por meio de linguagem escrita são como atos de um rito poderoso, o rito poético-furioso da tessitura da escrita. São como uma ponte transposta sobre o rio das ideias e atravessamentos, das águas oriundas de todas as múltiplas fontes das quais passamos a beber no processo de busca por sermos, cada uma de nós, um rio - transbordantes, fecundas. E é daqui que parto, então, para dizer um bocado do que me move a construir assim este organismo que venho construindo há um bom tempo: minha dissertação de mestrado em Artes.

A caminhada sobre a tal ponte de que acabo de falar requer uma entrega além do ato de sua transposição em si: sendo cada transposição um acontecimento, é única e irreproduzível em condições espaço-temporais-afetivas idênticas, o que requer uma entrega verdadeira no/ao aqui-agora, no/ao ali-naquele momento para que se possa apreender, e cultivar e acompanhar brotar a potência criadora do ato de caminhar sobre uma ponte transposta sobre o rio das ideias e atravessamentos. No aqui-agora, no ali-naquele momento. Escrever, afinal, é um rito, um ato performático. Há muito me nutro e

me oriento do caminhar sobre essa ponte, talvez por desde cedo ter visto na escrita uma válvula de escape, uma possibilidade de pensar com a imaginação, ter nela refúgio-passagem e daí por ela - e dela - espriar-me em grafias, grafismos de um mover cósmico cada dia mais autoconsciente e compartilhado.

Desde menina, me lembro de já conservar o hábito de me sentar, sozinha, e escrever, grafar. Escrevia histórias e desenhava mulheres, diversas entre si, cada uma com sua enorme cabeça e seus olhos também enormes equilibrados sobre os desproporcionalmente pequenos corpinhos que eu dava a essas representações gráfico-textuais. Assim como desafiava o padrão anatômico humano em minha escrita-imagem, movimento-grafia da palavra, o desafiava também em minhas escritas-texto, me lembro bem: também por isso, emprego aqui, então, “escrita” com um sentido expandido de ser uma forma de movimento-grafia, constituindo-se como forma radical e avidamente curiosa de se relacionar com a linguagem. Tomo aqui a liberdade de reverberar como também minha uma frase da artista, ativista e teórica feminista bell hooks (1952-) em que ela diz que “Meus pensamentos são movimentos, minhas ideias, minhas aventuras” - uma vez que, justo por que estes o são, posso grafar minhas movências neste mundo. Escrever é uma forma dessas grafias possíveis, é bordar a si, com os próprios cabelos,

veias, linhas de expressão no tecido da(s) linguagem(ns). E inscrever é demover e demover-se, deslocar e deslocar-se e, no caminho, constelar.

Mas escrever, eu creio valer a pena colocar, não precisa ser um ato resultante de uma intenção bem determinada: desde aqui declaro que este corpo que vocês agora lêem, múltiplo, fragmentário ao mesmo tempo que uno, só pôde nascer de fato quando eu abandonei a escrita de um ponto de vista descritivo, explicativo, uma escrita que pede permissão para o que dizem as outras formas de dizer que constituem uma poética, a minha poética. Afinal, nem toda ponte tem um ponto de chegada, nem sempre o objetivo da travessia é aportar em algum lugar: as palavras são livres, e livres que são, dançam conforme a música que bem entendem; quem é da escrita chega a crer em sua própria autonomia com relação às palavras, tomando-as como golfo brando de vento, facilmente manipulável, quando elas na verdade são, uma a uma, furacões.

Por isso, tenho e tomo a escrita e o que dela transborda como um espaço de elaboração, uma ponte ao mesmo tempo que o próprio *território* sobre o qual ela se fixa, com rios vastos correndo sob. E é nesse lugar elaborativo e reflexivo que a escrita se coloca para mim, posto que, por meio dela, alcanço entendimentos - sobre mim e o mundo - que nem eu mesma julgava ter, alço

voos que eu, mariposa que sou, não alçaria: voos rumo ao mais recôndito, pouco iluminado e por isso mesmo tão precioso que há em se entender neste mundo pelas searas da palavra. Por meio da escrita, também, emergem cartografias, constelações, rastros que se imprimem sobre os nossos dizeres e fazem com que eles, não mais nossos, mas partilhados, ganhem corpo e o mundo, em constante associação com outros dizeres. A isto eu tenho chamado de escrever por constelações - ou, me apropriando de um conceito muito caro a mim e à minha prática, *escrevivência*.

Constelar e *escreviver* são verbos a mim muito caros, e têm estado muito presentes em minhas reflexões no caminho e na busca por me referenciar sobretudo em estudiosas(os), artistas, ativistas de gêneros dissidentes e/ou racializadas(as/os), tanto negrobrasileiras(as/os) - como denomina a artista e ativista brasileira Rosana Paulino (1967-), grande referência para mim - quanto descendentes dos povos originários destas terras, e mesmo minhas mestras e meus mestres, livros-vivos. Constelar, em dicionários, significa “cobrir-se de estrelas, de constelações”, “salpicar uma superfície com coisas brilhantes, semelhantes a estrelas”; já *escreviver*, segundo Conceição Evaristo, quem cunhou o termo, é “uma escrita de nós”, um exercício de “tradução do intraduzível” - o que para mim evoca a importância de (re)escrevermos

nossa ancestralidade, rompendo com o vício imposto de ir beber, para tudo e sobretudo, em referenciais masculinos e elaborando e reverberando contranarrativas, memórias de futuro.

Mulheres artistas, negras, chicanas, cuí precisamos assumir e praticar a agência de termos, também nós, através da linguagem, o poder - e, por nós mesmas, o dever - de dizer. Sobre a linguagem, sua importância, modos e sentidos, a artista multidisciplinar e pesquisadora portuguesa Grada Kilomba (1968) ressalta a necessidade de nos apropriarmos desse espaço hegemônico e, por meio dele, inscrevermos uma linguagem nossa.

Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana. [...] Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, *emerge como um ato político*².

Bom, eu gosto dessa provocação que Kilomba nos coloca quando se refere à escrita como um ato político, em vários contextos e sentidos, como o da escrita da historiografia de um campo tão embranquecido, masculinista e elitizado quanto é o mundo hegemônico das artes. Eu, como uma mulher artista multimídia,

² Grada Kilomba, *Memórias da plantação*, 2019, p. 21 e 28, grifos meus.

editora, escritora, racializada e acostumada a habitar física, pessoal e profissionalmente fronteiras, sou “uma ponte balançada pelo vento, uma encruzilhada habitada por rodamosinhos”³, e como criatura criadora em posição de meio-caminho, mediação, sou tantas vezes naturalmente para entrelugares identitários e estéticos enquanto artista. Contudo, felizmente, de minha parte vislumbro atualmente a construção e a emergência de novas e coloridas constelações - epistemológica, poética, e socioculturalmente falando.

Nos últimos quase dois anos, me pus mais ativamente em contato e pude fortalecer e ajudar a construir alguns potentes ajuntamentos de estrelas, quilombos e cúrlombos⁴ urbanos multiartísticos organizados e compostos por gente com sede de encontro, ajuntamento, construção e, em conjunto, de vitória, pertencimento, representação e possibilidades de futuridades prósperas. Dentre esses ajuntamentos, estão: a residência virtual para escritoras negras da FLUP (Festa Literária das Periferias) 2021, intitulada “Uma revolução chamada Carolina”; a residência artística virtual Zona de Encontro #2: Grafias, para mulheres e pessoas LGBTQIAP+; a residência artística virtual compartilhada (RAVC) da II Bienal *Black Brazil Art* em parceria com o Centro de Estudios Afrouuguayos da UDELAR (*Universidad de La República*, Uruguai).

³ Gloria Anzaldúa, “La prieta”, 2021, p. 78.

⁴ Para pensar quilombos e quilombismos, me referencio principalmente em Abdias do Nascimento, mas, pensando um quilombismo negro, feminista, do campo das palavras, bebo primariamente da tradutora, poetisa, cantora, compositora e editora negra e lésbica Tatiana Nascimento.

Além desses processos formativos em artes, participei, no campo literário, de duas bancas/conselhos editoriais: a primeira foi a do I Concurso Letras Pretas do IF Sul de Minas (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas), experiência que me pôs em contato com a escrita de algumas dezenas de adolescentes negras, negros e negres, e em suas palavras ver um pouco da potência contida em poéticas dissidentes. Já a segunda foi junto a um grupo de mulheres que amam mulheres, atuando no conselho editorial da coletânea intitulada *Antes que eu me esqueça: 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje* (Quintal Edições, 2021). Esta segunda experiência também foi transformadora, pois me vi em contato com a potência poética, desta vez, de mulheres *queer*, afetivo-sexualmente dissidentes em uma sociedade em que a norma é a heterossexualidade compulsória⁵.

Desses encontros bonitos e frutíferos - foram e são muitos! - cito também minha atuação junto ao Coletivo Narrativas Negras, do qual faço parte deste 2019, e junto ao qual atuei como assistente editorial, coautora e revisora de uma coletânea potente intitulada *Narrativas negras: biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras* (Voo, 2020), na qual, por múltiplas mãos e mentes - fomos em torno de 60 mulheres envolvidas apenas na pré-produção do livro, entre ilustradoras e escritoras -, colocamos no mundo textos e imagens biográficas de 41 mulheres

⁵ O termo "heterossexualidade compulsória" foi cunhado pela feminista, poeta, professora e escritora estadunidense Adrienne Rich (1929-2012).

pretas brasileiras e africanas que fizeram a diferença em seu tempo, embora tivessem tido seus feitos assaltados e apagados pela historiografia hegemônica, que escolhe que narrativas contar, e como.

E foi pelo Coletivo Narrativas Negras, atualmente composto por seis integrantes ativas, que ofertei gratuitamente - nos dias 17 e 18 de junho, por ocasião do aniversário de 43 anos de fundação do MNU (Movimento Negro Unificado) e junto a Magna (pesquisadora do projeto de extensão Irantir/UFMG) - a oficina “Oralidade e potência da mulher negra afro-brasileira”. Ao longo dos dois dias de oficina, deu-se um encontro lindo, forte, aberto e afetivo em que nós, em nossa esmagadora mulheres e homens não branques, caminhando sobre o fio da oralidade, compartilhamos nossas experiências com a academia, nossos desafios em assumir, no campo acadêmico, a postura de afirmar epistemologias não hegemônicas e não branco-eurocêntricas, bem como de nossos desafios em encontrar pessoas professoras-pesquisadoras dentro da academia com entendimento, conhecimento e, sobretudo, abertura também no que concerne a essas epistemologias para nos orientar sem tentativas de alienação.

Também ao longo dessa oficina, falamos sobre os obstáculos que os mundos das artes - tanto da escrita quanto visuais, audiovisuais etc. - nos impõem ao nos

negar sistematicamente o estatuto de sujeitos artistas, acima e além de toda tokenização conveniente. Nos surpreendemos e nos emocionamos muito, e de memória me lembro principalmente dos relatos de três mulheres: a primeira, recém-ingressante em um mestrado em História, se via sem apoio para ir em direção a uma fundamentação antirracista e epistemologicamente afrocentrada para sua pesquisa; a segunda, professora de universidade pública, doutoranda, a vida inteira estudiosa de alguns filósofos racistas da velha tradição, nos disse aos prantos que, a despeito de toda a sua experiência de vida como mulher negra, só naquele momento ela de fato estava elaborando a si como alguém cujo corpo é atravessado não só pelo gênero, mas também por etnia; a terceira, por fim, foi a mãe de uma das inscritas, que estava de passagem, nos ouviu falando e se sentou para nos ouvir, nos agradecendo muito no final pela representatividade que ela sentiu conosco.

Ao fim do último encontro, combinamos de manter contato, abrimos um grupo no *WhatsApp* e abrimos nossos contatos como canais para eventuais pedidos de indicações teóricas, artísticas, enfim, úteis à construção de um corpo de pesquisa e de uma constelação epistemológica que abarquem e reverberem nossos anseios, caminhos, fontes, formas de existir e transmitir conhecimentos enquanto pessoas não brancas, em

sua maioria negras, em um país que se firmou sobre o genocídio dos povos originários e a escravização negra africana e afro-brasileira - ambos os crimes, diga-se de passagem, ainda hoje coexistindo de forma mais ou menos mascarada na sociedade brasileira. Após a ação, combinamos de doar a duas daquelas mulheres que frequentavam a academia, mas não tinham ainda nosso livro, exemplares do *Narrativas*. Foi gratificante receber os retornos, entender a grandeza que há no gesto de se ajuntar para (re)escrever nossas narrativas e dá-las a conhecer - bem como às fontes das quais podemos beber para tecê-las, referenciadas ao fim do livro.

Muitas e mais vezes, a escrita, a palavra, a *oralidade* emergindo como dispositivos políticos constelados, quilombistas! E para quê cito todas essas experiências? Pois entendo que minhas constelações são múltiplas, estão espalhadas, e que essas tantas pessoas também escrevem partes deste casulo junto comigo, e nada mais justo que citá-las e, com esse gesto, agradecer. Neste ponto, inclusive, convoco atenção para a necessidade de uma busca constante e cuidadosa por investigar e entender a fundo como se configuram as cosmogonias de nossas constelações-guia. Sentar-se para escrever é, em sua simplicidade, um ato revolucionário - sobretudo se o fazemos cientes do poder que ele carrega em si, e da pluralidade na qual se configura esse gesto. Tal gesto é

um portal para mundos que nós, se ainda não treinadas em prestar atenção ao universo que existe dentro de si, bem como nos mundos que herdamos das que nos precederam e nos constituem, ignoramos completa ou parcialmente.

Para pensar, por exemplo, o ato de tessitura da escrita, eu já busquei no escritor e crítico literário francês Maurice Blanchot (1907-2003), e em seus escritos encontrei muito do que ressoasse verdadeiramente para mim, enquanto mulher artista em relação íntima com a palavra - da qual sou operária -, enquanto editora, enquanto pesquisadora do objeto livro e as poéticas de suas múltiplas potencialidades. No entanto, só fui encontrar de fato alento, acolhida e um bocado de respostas para o maravilhoso mistério da escrita quando passei a observar atentamente o modo como se configuram minhas constelações, e passei a ver na prática a diferença que há em, sendo quem e o que sou, dar preferência por me referenciar, não só teórica como discursiva e esteticamente, em intelectuais, ativistas e artistas mulheres, estrelas-guia como Leda Maria Martins, Conceição Evaristo, Silvia Rivera Cusicanqui, Audre Lorde, Grada Kilomba, Rosana Paulino, Angela Davis, bell hooks, Gloria Anzaldúa, Silvia Federici, entre tantas outras, com as quais salpiquei e sigo salpicando minha escrita e meu pensamento com coisas brilhantes,

semelhantes a estrelas, e buscando refletir essa luz.

Não é que eu defenda que devemos ignorar, descartar a escrita feita por homens. Isso seria um equívoco absoluto, e particularmente iria contra o que eu mesma acredito e pratico em meu cotidiano como pesquisadora. *Escrever por constelações* - ou *escrever com* - com o sentido que emprego é sobre articular pensamentos e conceitos distintos como linha-guia em processos de pensamento e de criação. O que eu proponho é que durante o exercício da escrita cultivemos nossa (auto)consciência da potência da linguagem, das epistemologias contra-hegemônicas e contra-coloniais, em nossos discursos - sejam eles visuais, verbais, verbo-visuais ou de quaisquer outra(s) natureza(s). Proponho que busquemos, como fonte de fortalecimento de nossas vozes, exercitá-las, projetá-las por meio da palavra - afinal, a escrita é, essencialmente, uma arma poderosa contra os silenciamentos sistemáticos impostos sobre nós. Não tenhamos medo de colocá-los abaixo.

Como disse anteriormente, eu entendo a escrita como uma solitária e, ao mesmo tempo, constelada, rizomática caminhada. Com seu próprio ritmo, extremamente afetável e de afeto. A solidão física do ato, a meu ver, é quase inevitável: eu mesma, neste momento, corpo e mesa e teclado de computador e tela e abas de documentos com linhas que se estendem ao longo

de páginas e mais páginas, sou a única capaz do gesto imediato de fazer o cursor na página diante de mim se mover, com ritmo variado como variam os tempos de maturação das coisas. Esse processo, contudo, a meu ver nada tem de linear: enquanto o texto se delineia, ele se expande, encolhe, move-se e é por mim movido pelas linhas, pelos blocos de ideias, pela página. Ali na frente, enquanto escrevo, posso descobrir a resposta à pergunta que em minha mente restou ao concluir o segundo parágrafo, ou mesmo o anterior, ou o que o precede...

A esta altura, mudo de ideia e me corrijo: a escrita é algo que se parece mais com uma dança que com uma caminhada sobre uma ponte transposta sobre o rio das ideias e atravessamentos, das águas oriundas de todas as fontes das quais nos propomos a beber no processo de sermos, nós mesmos, um rio - transbordantes, fecundos. Só que, em contraponto a esta solidão inevitável, a escrita pode, também - e aqui eu me seguro um bocado para não dizer logo que até mesmo *deve* -, ser ponto de *encontro*, e, como premissa dos encontros, invocar e pressupor troca. Digo mesmo que a escrita é um rito de convocar alguma humanidade para andar junto consigo, parafraseando Ailton Krenak, mas não só: ao escrever, convoco também outras formas de existência para caminhar comigo. Escrever, desse modo, se desdobra, ainda, como uma *manifestação poética dos encontros*, cujo entendimento,

em essência, depende de quão dispostos estamos a reflorestar nossos pensamentos. Um texto, afinal, é um corpo e, como corpo, pulsa uma infinidade de outros.

Referências:

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. **La prieta**. In: ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio Janeiro: A Bolha, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita**. *Nossa Escrivência*, 15 out. 2021. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

hooks, bell. **Artistas mulheres: processos criativos**. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. v. 2. São Paulo: MASP, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 51-56.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

RICH. Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.